

MARA REGINA DO NASCIMENTO

MAURO DILLMANN

*Organizadores*

# GUIA DIDÁTICO E HISTÓRICO DE VERBETES SOBRE A MORTE E O MORRER



casalettras



# **GUIA DIDÁTICO E HISTÓRICO DE VERBETES SOBRE A MORTE E O MORRER**



MARA REGINA DO NASCIMENTO

MAURO DILLMANN

*Organizadores*

# **GUIA DIDÁTICO E HISTÓRICO DE VERBETES SOBRE A MORTE E O MORRER**

1ª edição



**casaletras**

Porto Alegre

2022

Copyright ©2022 dos organizadores

Direitos desta edição reservados aos organizadores, cedidos somente para a presente edição à EDITORA CASALETTRAS.



LICENCIADA POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS

**Atribuição - Não Comercial - Sem Derivadas 4.0  
Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)**

**Você é livre para:**

**Compartilhar** - copie e redistribua o material em qualquer meio ou formato. O licenciante não pode revogar essas liberdades desde que você siga os termos da licença.

**Atribuição** - Você deve dar o crédito apropriado, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer maneira razoável, mas não de maneira que sugira que o licenciante endossa você ou seu uso.

**Não Comercial** - Você não pode usar o material para fins comerciais.

**Não-derivadas** - Se você remixar, transformar ou desenvolver o material, não poderá distribuir o material modificado.

**Sem restrições adicionais** - Você não pode aplicar termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam legalmente outras pessoas a fazer o que a licença permitir.

Este é um resumo da licença atribuída. Os termos da licença jurídica integral está disponível em:  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode>

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores.

**Esta obra contou com apoio do PPGH/UFPel com recursos PROAP/CAPES.**

**EXPEDIENTE:**

**Projeto gráfico, diagramação e capa:**  
Casalettras

**Imagens da capa e detalhes de verbetes:**

"A morte de Alexandrina", de Carybé (1953) [Pinacoteca ©Carybé, óleo sobre tela]

**Editor:**

Marcelo França de Oliveira

**Conselho Editorial**

Prof. Dr. Amurabi Oliveira - UFSC  
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes - UFPel  
Prof. Dr. Elio Flores - UFPB  
Prof. Dr. Fábio Augusto Steyer - UEPG  
Prof. Dr. Francisco das Neves Alves - FURG  
Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas - UFPel  
Prof.ª Dr.ª Maria Eunice Moreira - PUCRS  
Prof. Dr. Moacyr Flores - IHGRGS  
Prof. Dr. Luiz Henrique Torres - FURG

## Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G9405 Guia Didático e Histórico de verbetes sobre a morte e o morrer / Mara Regina do Nascimento e Mauro Dillmann (Org.). [Recurso eletrônico] Porto Alegre: Casalettras, 2022.

429p.  
Bibliografia.  
ISBN: 978-65-86625-65-3

1. Ciências Humanas - 2. Morte - 3. Dicionários e enciclopédias - 4. Guia didático - I. Do Nascimento, Mara Regina - II. Dillmann, Mauro - III Título.

CDU:05-3069

CDD:903(008)

  
**casalettras**

EDITORA CASALETTRAS  
R. Gen. Lima e Silva, 881/304 - Cidade Baixa  
Porto Alegre - RS - Brasil CEP 90050-103  
+55 51 3013-1407 - contato@casalettras.com  
[www.casalettras.com](http://www.casalettras.com)



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	7
ACEITAÇÃO.....	13
ADRO .....	19
ALÉM.....	23
ALMA - CORPO.....	33
ANJOS.....	40
ARS MORIENDI .....	46
CEMITÉRIO - NECRÓPOLE.....	56
CONFORTO .....	66
CONVIVÊNCIA ENTRE VIVOS E MORTOS .....	74
CREMAÇÃO .....	80
DIA DE FINADOS .....	86
ENTERRO - FUNERAL .....	91
ESCATOLOGIA.....	97
ETERNIDADE .....	101
EUTANÁSIA .....	107
FOTOGRAFIAS DE MORTOS .....	114
INTERCESSÃO DIVINA .....	120
FUNERÁRIAS .....	131
HOMICÍDIO .....	136
IRMANDADES E ORDENS RELIGIOSAS .....	141
IMORTALIDADE – FINITUDE .....	148
INFANTICÍDIO .....	154
LÁPIDES E EPITÁFIOS.....	160
LUGARES FÚNEBRES .....	168
LUTO .....	174

MEDICALIZAÇÃO DA MORTE.....	182
MEDO.....	188
MEMÓRIA.....	194
MILAGREIROS.....	199
MORIBUNDO.....	205
MORRER BUDISTA.....	210
MORRER CATÓLICO.....	215
MORRER ESPÍRITA.....	227
MORRER INDÍGENA.....	231
MORRER ISLÂMICO.....	239
MORRER JUDAICO.....	248
MORRER NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS.....	253
MORRER PROTESTANTE.....	260
MORTALHA.....	267
MORTE E CRENÇAS.....	274
MORTE INFANTIL.....	282
MUSEUS SOBRE A MORTE.....	289
NECROLÓGIO.....	296
NECROPOLÍTICA.....	303
NEGAÇÃO.....	308
ÓBITO.....	315
PAGÃO.....	322
PENA DE MORTE.....	327
POMPAS FÚNEBRES.....	335
PURGATÓRIO.....	343
RESSURREIÇÃO.....	348
SACRAMENTOS.....	352
SALVAÇÃO.....	360
SAUDADE.....	367
SECULARIZAÇÃO.....	374
SEPULTURAS – COVAS – CARNEIRAS.....	381
TANATOLOGIA.....	385
TRAUMAS.....	391
TRISTEZA.....	396
TÚMULO – JAZIGO – MAUSOLÉU.....	402
VELÓRIO.....	409
VESTUÁRIO FÚNEBRE.....	415
SOBRE OS AUTORES E AUTORAS.....	423



## ADRO

A palavra adro significa o espaço envolvente da igreja, normalmente situado diante da mesma. A palavra deriva do latim *Atrium*, embora segundo Rafael Bluteau mencione que em português ela não assume toda a sua abrangência.

Era neste lugar que se enterravam os mortos antes de serem sepultados dentro das igrejas. O espaço junto à porta principal da igreja era escolhido para sepultar os defuntos, servindo de cemitério. A partir do momento em que os defuntos passaram a ser inumados dentro dos templos e as sepulturas a serem pagas, estes passaram a ser muito hierarquizados e alvo de normas. Os locais de sepultura ficaram sujeitos a regras estabelecidas nas Constituições Sinodais e nem todos os que desejavam tinham acesso ao lugar pretendido. Era também necessário pagar para ter sepultura dentro da igreja.

Dependendo do local em questão, os enterros podiam realizar-se em várias igrejas; paroquiais, conventuais e das confrarias. Dentro das igrejas, os locais de sepultura estavam determinados pelas Constituições Sinodais e no caso de algumas confrarias estabeleciam-se normas para enterrar dentro das suas igrejas.

O local de sepultura não era deixado ao acaso. Quem podia escolhia e pagava para que a sua última morada fosse onde desejava. Quem não podia ser inumado no interior do templo, era sepultado no adro. Assim, ao longo da Idade Moderna, o adro serviu de última morada principalmente aos pobres, que não possuíam recursos para serem inumados dentro da igreja. Também os que eram enterrados por amor de Deus pelas Misericórdias ou outras confrarias que



enterravam pobres gratuitamente, encontravam nesse local a sua sepultura. Para servirem estas funções, os adros eram territórios sagrados, benzidos pelo bispo ou por um seu delegado.

Nos dias em que havia aglomeração de gente no adro, tudo podia acontecer, profanando o espaço: desacatos, rixas, cenas de pancadaria, ferimentos e efusão de sangue. Quando existiam habitações próximas, o espaço circundante da igreja era também utilizado como depósito de detritos e mesmo de lixo. Perante estas ações, era necessário solicitar ao bispo que o mesmo fosse benzido para se poder continuar a usar como solo sagrado e nele se enterrar os mortos que não podiam pagar a sepultura dentro da igreja.

Integrado num espaço público, o adro estava sujeito à ação dos homens, sendo palco de sociabilidades e conflitos. Nele, os vivos conviviam com os mortos, à semelhança do que acontecia dentro das igrejas. Mas não só os homens, também os animais transitavam no adro, principalmente os cães, procurando as ossadas, que se encontravam à superfície, ou seja, a descoberto. Esta situação decorria da pouca profundidade com que eram sepultados os cadáveres. Normalmente, quando isto se verificava, as ossadas eram recolhidas para, com decência, serem enterradas num “carneiro”.

Cemitério para todos e posteriormente apenas para os pobres, até ao surgimento dos atuais cemitérios, o adro foi sempre sítio de passagem para a igreja e local de reunião de crentes. Todavia, ao adro estão também associadas brincadeiras de crianças e muitas conversas da população da paróquia. O adro era ainda local de passagem de manifestações religiosas, como era o caso das procissões e das romarias. Todos os que se deslocavam à igreja tinham de passar pelo adro. Assim, em dias festivos, o adro enchia-se de fiéis para acederem ao interior do templo, mas também para nele desfilarem as procissões quando saíam e regressavam à igreja. Nessas ocasiões, servia de local de piquenique, de pernoita para os que vinham de longe e não tinham onde descansar, de estabelecimento de tendas para venda de alguns produtos e ainda de atuação de grupos musicais e de baile.



Atualmente, o adro perdeu a sua função cemiterial, conservando-se ainda como espaço de sociabilidades e de passagem de cerimônias da Igreja, onde o religioso e o profano coexistem.

(MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. *Dar aos pobres e emprestar a Deus: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima (séculos XVI-XVIII)*. Barcelos, Santa Casa da Misericórdia de Vila Viçosa; Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima, 2000.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico...*, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

COSTA, Adelaide Pereira Millan. “O espaço dos vivos e o espaço dos mortos nas cidades da Baixa Idade Média”. In: MATTOSO, José (dir.), *O reino dos mortos na Idade Média Peninsular*, Lisboa, Ed. João Sá da Costa, 1996.

RIBEIRO, Victor. “Algumas notícias documentais de arte e arqueologia relativas a Misericórdia de Lisboa e à sua igreja e casa de São Roque”, *Arquivo Historico Portuguez*, nº 5, 3-4, 1907.

## ATIVIDADE DIDÁTICA

Com vista a um melhor conhecimento do adro, sugere-se uma visita guiada com os alunos ao adro da igreja da localidade em que a escola está inserida, propondo-se as seguintes tarefas:

1. Pesquisar na internet imagens de adros;
2. Fotografar ou filmar um adro;
3. Fotografar ou filmar uma procissão;
4. Em articulação com o professor de Educação Visual, desenhar uma procissão no adro (alunos de Ensino Fundamental);
5. Publicitar no blogue da turma os desenhos feitos;
6. Em articulação com o professor de Português, elaborar um texto com uma pequena história passada no adro.





## SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

**Adriana Zierer** é Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

**Adriane Piovezan** é Doutora em História (2014) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora de História nas Faculdades Integradas Espírita em Curitiba.

**Alexandra Esteves** é Doutora em História Contemporânea pela Universidade do Minho. Professora Auxiliar com Agregação na mesma Universidade e investigadora do Lab2PT-UMinho.

**Alexandre Marques Cabral** é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Professor de filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

**Andreia Vicente da Silva** é Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

**Anna Julia Borges Serafim** é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

**Antonio de Pádua Fernandes Bueno** é Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Instituto de Pesquisa Direitos e Movimentos Sociais – IPDMS.

**Beatriz Teixeira Weber** é Doutora em História na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Programa de Pós-graduação em História na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

**Claudia Rodrigues** é Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

**Daniel Azevedo** é Doutorando em Saúde Coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Médico geriatra.

**Douglas Attila Marcelino** é Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

**Eliane Cristina Deckmann Fleck** é Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

**Elisiana Trilha Castro** é Doutora em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Presidente da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC).

**Elizete Silva** é Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora titular na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

**Flavia Medeiros** é Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

**Gizele Zanotto** é Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Universidade de Passo Fundo (UPF).

**Janaína Teles** é Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora de História da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) e do Centro de Antropologia e Arqueologia Forense da Universidade Federal de São Paulo (CAAF/Unifesp).

**Jean Neves de Abreu** é Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

**Joaquim dos Santos** é Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA).

**Juliana Schmitt** é Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

**Karina Aparecida de Lourdes Ferreira** é Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutoranda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

**Lourival Andrade Júnior** é Doutor em História pela UFPR. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História dos Sertões na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus Caicó.

**Luiz Lima Vailati** é Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor na Universidade Federal de Viçosa (UFV).

**Mara Regina do Nascimento** é Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

**Marcelina Almeida** é Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora na Escola de Design nos cursos de graduação e do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

**Marcelo Tadvald** é Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador Associado ao Núcleo de Estudos da Religião da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NER-UFRGS).

**Maria Elizia Borges** é Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG).

**Maria João Vaz** é Professora Associada do Departamento de História do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa e investigadora do Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-IUL),

**Maria Marta Lobo de Araújo** é Doutora em História Moderna e Contemporânea pela Universidade do Minho-Portugal. Professora Associada com Agregação do Departamento de História da mesma universidade.

**Mariana Antão de Carvalho Rosa** é Mestre em História Social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Doutoranda em História Social na Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA).

**Maristela Carneiro** é Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora da Faculdade de Comunicação e Artes na Universidade Federal de Mato Grosso (FCA/UFMTa).

**Mauro Dillmann** é Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor no Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

**Monja Myoden (Adriana Muniz Retamal)** é Monja Zenbudista ordenada pela Escola Soto Zen Internacional, fundada oficialmente por Mestre Eihei Dogen Zenji Sama (1200-1253).



**Rachel Aisengart Menezes** é Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Médica e professora do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

**Renato Cymbalista** é Professor Livre Docente do Departamento da História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

**Renato Rodrigues Farofa** é Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

**Robert Mori** é Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor da rede estadual de ensino de Minas Gerais.

**Thiago Henrique Mota** é Doutor em História Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela Universidade de Lisboa. Professor de História da África no Departamento de História e no mestrado profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

**William de Souza Martins** é Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Apoio: UFPel, UFU e Profhistória/UFU  
Recursos: PPGH/UFPel e Capes



ISBN: 978-65-86625-65-3